



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Material Estruturado



SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

GERÊNCIA DE CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

3.ª série | Ensino Médio

MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS

LÍNGUA PORTUGUESA

DESCRIPTOR PAEBES	HABILIDADE PRINCIPAL	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE PRINCIPAL	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE PRINCIPAL	HABILIDADE ASSOCIADA	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE ASSOCIADA	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE ASSOCIADA	HABILIDADE DA COMPUTAÇÃO RELACIONADA
D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.	EM13LP58/ES Perceber, em textos de autores da literatura contemporânea, a dimensão atemporal, universal e plurissignificativa de produções literárias, considerando, de forma significativa, as múltiplas manifestações literárias (Literatura Capixaba, Literatura Juvenil Brasileira, Literatura de autoria feminina etc.) e implicações temáticas: Racismo, Preconceito e Discriminação na literatura contemporânea.	<ul style="list-style-type: none"> - Construção composicional dos textos literários; - Efeito de sentido dos textos; - Adesão às práticas de leitura de textos literários das mais diferentes tipologias e manifestações literárias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer práticas do letramento literário para escolha de títulos; • Analisar contextos de produção, circulação e recepção de obras; • Realizar a curadoria de títulos da literatura contemporânea. 	EM13LP60/ES Conhecer e vivenciar, in loco, manifestações artísticas das mais diferentes vertentes, ampliando, assim, o seu repertório artístico-cultural.	<ul style="list-style-type: none"> - Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Adesão às práticas de leitura de textos literários das mais diferentes tipologias e manifestações literárias; - Estilo dos textos literários contemporâneos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mapear eventos de interesse; - Mobilizar conhecimentos sobre as práticas e os gêneros recorrentes nesses eventos. 	-
D023_P Inferir uma informação implícita em um texto.	EM13LP52 Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.	<ul style="list-style-type: none"> Estilo dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Efeito de sentido dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos; • Relacionar visões de mundo e valores culturais ficcionalizados em textos a seus contextos de produção; • Relacionar textos e discursos de obras das literaturas brasileira, portuguesa, africana, indígenas e latino-americanas. 	EM13LP59/ES Apresentar mostras culturais, espetáculos artísticos, exposições, considerando-se os usos da oralidade e das expressões corporais, bem como os elementos envolvidos na situação discursiva: interlocutores, objetivos comunicativos, maior e/ou menor formalidade (exemplos: saraus literários, peças teatrais, espetáculos de dança, esquetes etc.).	<ul style="list-style-type: none"> - Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários das origens à contemporaneidade - Adesão às práticas de leitura de textos literários das mais diferentes tipologias e manifestações literárias 	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilizar conhecimentos sobre as práticas e os gêneros recorrentes nesses eventos; - Participar de práticas e eventos típicos do letramento literário. 	-

Contextualização

Caro(a) Professor(a),

Nesta nova quinzena de trabalho, a rotina destacará a **Literatura Afro-Brasileira**, um campo essencial para a compreensão da diversidade cultural e histórica do nosso país.

Nosso objetivo é integrar a análise literária ao estudo das relações étnico-raciais e da construção de identidades, promovendo uma aprendizagem significativa que dialogue com a **Lei nº 10.639/2003**. A proposta envolve atividades de leitura e de interpretação de textos que dão voz às **experiências e às perspectivas de autores negros**, enfatizando suas contribuições para a cultura e a sociedade brasileira.

Neste mês em que se celebra o **Dia da Consciência Negra** (20 de novembro), as aulas também se tornam uma oportunidade para refletir sobre a importância da valorização das histórias e memórias da população negra no Brasil, reconhecendo sua centralidade na formação de nossa identidade nacional.

Ao longo das aulas, os(as) estudantes serão convidados(as) a refletir sobre a **representatividade, a resistência e a ancestralidade** presentes nessas obras. Serão estimulados(as) a compreender a importância dessas narrativas para a descolonização do pensamento, o combate ao racismo e a valorização de um *"eu enunciator"* negro na cena literária.

Esperamos que este material contribua para enriquecer sua prática pedagógica, incentivando o estudo da literatura brasileira de forma contextualizada, crítica e verdadeiramente representativa.

Desejamos a todos(as) uma bom trabalho!



Conceitos e Conteúdos

A literatura afro-brasileira

Antes de nos aprofundarmos nas características da literatura afro-brasileira, vamos ler um trecho do livro "Diário de Bitita", de Carolina Maria de Jesus.

Leitura

INFÂNCIA



“

Os pobres moravam num terreno da Câmara: "O Patrimônio".

Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar os seus filhos ao **relento**.

A nossa casinha era recoberta de **sapé**. As paredes eram de **adobe** cobertas com capim. Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil-réis por uma carroça de capim. O chão não era **soalhado**, era de terra dura, **condensada** de tanto pisar.

Eu estava fazendo a minha, **avant-première** no mundo. E conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai? O pai de minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome do Si- nhô. Era um preto alto e calmo. **Resignado** com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje.

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: — Papai! — E o vovô responder- lhe: — O que é, minha filha?

Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe.

Várias vezes pensei interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou- me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais importantes eram a minha mãe e o meu avô.

Ouvia as velhas dizer que as crianças têm que obedecer aos pais e respeitá- los. Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o nome de minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas. Quando ela lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. Cheguei à conclusão que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo.

Quando a minha mãe falava eu me aproximava para ouvi-la. Um dia, a minha mãe repreendeu-me e disse-me:

— Eu não gosto de você!

Respondi-lhe:

— Se estou no mundo é por **intermédio** da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai eu não estaria aqui.

Minha mãe sorriu e disse:

— Que menina inteligente. E está com quatro anos.

GLOSSÁRIO

Relento:

situação de desabrigo, ficar sem casa ou proteção;

Sapé: capim usado para cobrir

telhados de casas simples;

Adobe: tijolo cru e secado ao sol.

Soalhado:

que tem piso de madeira.

Condensada:

reduzido, compactado ou resumido;

Avant- première:

expressão francesa que significa "estreia". No texto, refere-se ao início da vida;

Resignado:

que aceita uma situação difícil sem se revoltar;

Intermédio:

por meio de, através de;



Minha tia Claudimira comentou:

— Ela é mal-educada.

Minha mãe defendia-me, dizendo que eu tinha dito a verdade.

— Ela precisa apanhar! Você não sabe criar filhos.

Elas iniciaram uma discussão. Pensei: “A minha mãe é quem foi ofendida e não ficou **ressentida**.” Percebi que a minha mãe era a mais inteligente.

— Bate, Cota! Bate nesta negrinha! Ela está com quatro anos, mas **o cipó se torce** enquanto é novo.

— O que tem de ser, já nasce — respondia a minha mãe.

Fiquei preocupada, pensando: “O que será quatro anos? Será doença? Será doce?”

Saí correndo quando ouvi a voz do meu irmão convidando-me para irmos catar **gabiobas**. [...]

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.7-8.

Vamos refletir!

- Qual é a temática do trecho lido?
- Que elementos da infância da narradora mais chamaram sua atenção? Por quê?
- A linguagem utilizada parece próxima da fala cotidiana. Que efeito isso causa na leitura?
- Você se identificou com alguma das memórias ou sentimentos narrados? Compartilhe sua impressão.



GLOSSÁRIO

Ressentida:

que guarda mágoa ou rancor;

O cipó se torce:

expressão popular que significa “é melhor educar enquanto é tempo”;

Gabiobas:

frutos pequenos e doces típicos do cerrado brasileiro.



Carolina Maria de Jesus, 18 de novembro de 1960.
Acervo UH/Folhapress*

Escritora mineira, Carolina Maria de Jesus foi uma das primeiras autoras negras do Brasil. Nascida em Sacramento, em 1914, era neta de escravizados e filha de lavadeira. Estudou até a segunda série, mas desenvolveu grande paixão pela leitura e pela escrita. Morando na favela do Canindé, em São Paulo, registrou em diários a dura realidade da pobreza. Seu livro **Quarto de Despejo** (1960), com linguagem simples e forte, denunciou a fome, o racismo e a desigualdade social, tornando-se um sucesso nacional e internacional. Carolina morreu em 1977, deixando um legado literário de resistência e representatividade.

O trecho de **Diário de Bitita** apresenta a infância de uma menina negra vivida em meio à pobreza, ao abandono paterno e à força dos vínculos familiares. Com olhar sensível e atento, a autora revela sua realidade por meio de uma **linguagem direta**, marcada pela **oralidade** e pela **espontaneidade**. Essa escrita, distante dos modelos literários tradicionais, aproxima o leitor do universo infantil e periférico da narradora, resgatando a memória de uma infância atravessada por desafios e descobertas.

A autora rompe com os padrões elitistas da literatura brasileira ao valorizar a **fala popular**, as **emoções do cotidiano** e o **ponto de vista** de quem vive à margem da sociedade. Sua linguagem não apenas informa, mas emociona, denuncia e afirma: **ela dá voz a uma experiência historicamente invisibilizada**, legitima a presença de sujeitos negros e pobres na cena literária e transforma a oralidade em ferramenta estética e política.

*Fotografia disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/>. Acesso em: 05 de julho de 2025.

ALÉM DAS PALAVRAS: O QUE DEFINE A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA?

A literatura afro-brasileira é aquela produzida por autores e autoras afrodescendentes que assumem essa identidade em sua escrita, construindo um ponto de vista afrocentrado, com temas, estéticas e linguagens que refletem a vivência e a perspectiva negra. Segundo Eduardo de Assis Duarte, professor e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais, no artigo *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção* (2011), trata-se de um campo diverso e de longa trajetória, com presença significativa desde o século XVIII até os dias atuais, que revela a pluralidade da experiência negra no Brasil. O autor também identifica alguns fatores que ajudam a caracterizar esse tipo de produção literária: **temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público**. Vamos conhecê-los mais de perto a seguir:

Temática - trata da vida, da cultura e da história do povo negro no Brasil. Aborda a escravidão, a resistência, as religiões africanas, as tradições, heróis, como Zumbi dos Palmares, além de questões contemporâneas como racismo, favelas, subúrbios e luta contra o preconceito e o ideal de superioridade branca.



Zacimba Gaba, a princesa que libertou escravizados no Espírito Santo
Crédito: Felipe Damasceno.*



Conceição Evaristo,
romancista, contista, poeta,
pesquisadora e professora.
Por: Richner Allan.**

Autoria - caracteriza-se pelo "eu enunciador" que se assume negro e adota posicionamento político explícito. A escrita vincula-se diretamente à experiência vivida, remetendo à tradição dos *griots* africanos, contadores de histórias que preservam a memória coletiva. A escritora Conceição Evaristo criou o termo "**escrevivência**" para definir essa literatura que emerge das vivências cotidianas, representando autenticamente o que os negros são e vivenciam.

Ponto de vista - assume perspectiva identificada com a história e a cultura negras, buscando superar o discurso colonizador e configurar um discurso da diferença. Mesmo autores que não se declararam explicitamente negros podem ser incluídos quando adotam perspectiva crítica à elite senhorial e ao racismo estrutural.

Linguagem - incorpora frequentemente palavras, ritmos e expressões vindas de tradições africanas, além de uma forma de escrever que desafia os padrões da norma culta, privilegiando a oralidade como fonte de resgate das memórias e da formação identitária negra. Ou seja, cria um jeito próprio de falar e escrever, capaz de dar novo sentido a palavras que antes eram usadas de forma ofensiva, como "negro", "mulata" ou "cabelo ruim". Assim, o que antes era visto com preconceito passa a ser valorizado.

ANGUBATUQUE CACHIMBO MARIMBONDO MOLEQUE
QUITUTE SENZALAPIPOCA
XINGARUMBANDARAPADURAMOQUECA
PAMONHASAMBA MARACATUTANGABERIMBALU
BANGUELABAIANO CAPEFEIRA
DESPACHOCOCOA
CAMUNDONGO QUIABO CALOMBO
ANGUBATUQUE CACHIMBO MARIMBONDO
QUITUTE SENZALAPIPOCA

Palavras da língua portuguesa no Brasil.
Por: Afreka.***

*Imagem de Zacimba Gaba disponível em: <https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/zacimba-gaba-a-princesa-que-libertou-escravizados-no-espírito-santo-1124>. Acesso em: 05 de julho de 2025.

**Fotografia de Conceição Evaristo disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/1667-conceicao-evaristo>. Acesso em: 05 de julho de 2025.

***Imagens com palavras de origem africana disponível em: <http://www.afreka.com.br/notas/a-influencia-africana-na-formacao-da-lingua-portuguesa-no-brasil/>. Acesso em: 05 de julho de 2025.



Músicos de hip hop underground. Por: Freepik.

Fotografia de músicos de hip hop disponível em: https://br.freepik.com/fotos-gratis/musicos-de-hip-hop-underground-de-baixo-angulo_82551185.htm#fromView=search&page=1&position=9&uuiid=fce82822-a9a4-4440-9eb2-6d0f6a2dbfc4&query=Jovens+Negros. Acesso em: 05 de julho de 2025.

Público - direciona-se a um público que busca afirmação cultural e identitária, combatendo o preconceito e incentivando a autoestima negra por meio da literatura. Dialoga tanto com a comunidade negra, resgatando suas memórias e tradições, quanto com um público mais amplo, promovendo a conscientização sobre as desigualdades raciais.

AUTORES DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Além de Carolina Maria de Jesus, também analisaremos textos de outros autores representativos da literatura afro-brasileira.

Conceição Evaristo: tecendo vidas em "escrevivência"

A literatura de Conceição Evaristo é marcada por uma escrita **sensível** e **politicamente engajada**, marcada pelo conceito de **escrevivência** — uma fusão entre escrita e vivência, em que as experiências pessoais da autora refletem as vivências coletivas das mulheres negras brasileiras. Sua obra resgata a **memória ancestral**, especialmente as histórias das mulheres negras que vieram antes dela, explorando as marcas deixadas pelo racismo, pela desigualdade e pela exclusão social.

Entre suas principais obras, destacam-se os romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), as coletâneas *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014), além do livro de poemas *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). Em todas, a autora reafirma sua escrita como um espaço de memória, identidade e luta por liberdade.



Conceição Evaristo.
Foto: Leo Martins.

Conceição Evaristo (1946-) nasceu em Belo Horizonte (MG) e é uma das mais importantes escritoras do Brasil. Trabalhou como empregada doméstica e concluiu o ensino médio em 1971. Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em Letras (UFRJ), fez mestrado em Literatura Brasileira (PUC-Rio) e doutorado (UFF). Sua estreia literária foi nos anos 1990 com a série *Cadernos Negros*. Ganhou reconhecimento nacional com o romance *Ponciá Vicêncio* (2003) e criou o conceito de "escrevivência", valorizando a escrita a partir experiência de vida, especialmente das mulheres negras. Atualmente, é professora visitante na UFMG e uma referência na literatura afro-brasileira e na luta por justiça social e representatividade.

Fotografia de Conceição Evaristo, disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/1667-conceicao-evaristo>. Acesso em: 05 de julho de 2025.

Abdias Nascimento: arte, teatro e militância negra

A trajetória de Abdias do Nascimento se destaca pelo uso da arte como **instrumento de resistência e afirmação identitária**, marcada por uma atuação sensível e politicamente engajada. Ator, diretor, dramaturgo, escritor e militante histórico do movimento negro, Abdias fundou, em 1944, o **Teatro Experimental do Negro (TEN)** — a primeira companhia brasileira dedicada à inclusão e ao protagonismo de artistas afrodescendentes no teatro.

Sua produção teatral e literária rompe com estereótipos, ao valorizar a cultura negra e denunciar



o racismo estrutural. Em suas montagens Abdias, colocou atores negros em papéis centrais e abordou temas como a religiosidade afro-brasileira, a história da diáspora africana e o apagamento das vozes negras. Sua dramaturgia engajada se expressa em peças como *O Imperador Jones*, *O Filho Pródigo*, *Aruanda* e *Sortilégio*, que revelam o compromisso político e cultural de seu trabalho artístico. Também atuou como produtor cultural e intelectual, publicando a coletânea *Dramas para Negros e Prólogos para Brancos*, em que reúne peças teatrais voltadas à valorização da identidade negra. Foi editor do jornal *Quilombo*, importante veículo de articulação e divulgação do movimento negro brasileiro.

Durante o exílio, Abdias ampliou sua expressão artística por meio da pintura e da pesquisa estética, voltando-se para as visualidades afro-religiosas e reafirmando a riqueza das culturas de matriz africana, com **personagens, iconografias e insígnias**, elaborados em diálogo com a tradição da abstração geométrica e na representação dos símbolos africanos, como os adinkras.

Sua obra representa um legado inestimável na luta antirracista, transformando o palco e a palavra em trincheiras contra a exclusão e em espaços de valorização da cultura afro-brasileira.



Okê Oxóssi, 1970, de Abdias Nascimento.*



Abdias do Nascimento -
Foto: Ricardo
Stuckert/Agência Brasil*

Abdias Nascimento (1914–2011) foi um dos maiores ativistas do movimento negro no Brasil. Nasceu em Franca (SP) e faleceu no Rio de Janeiro (RJ). Foi ator, diretor, dramaturgo, escritor, artista visual, professor universitário e político. Sua trajetória esteve sempre ligada à luta contra o racismo e à valorização da cultura afro-brasileira. Em 1944, fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), que teve papel pioneiro ao incluir artistas negros nos palcos brasileiros e promover sua formação artística e intelectual. Publicou, entre outras obras, *Dramas para Negros e Prólogos para Brancos* (1961), e escreveu peças que abordavam o preconceito racial, a religiosidade afro-brasileira e a resistência negra.

*Fotografia de Abdias Nascimento disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2015/06/abdias-do-nascimento.html>. Acesso em: 05 de julho de 2025.

Elisa Lucinda: poesia que se canta e se vive

A trajetória de Elisa Lucinda é marcada pela **pluralidade artística** e pela **centralidade da poesia** como linguagem de transformação. Desde a década de 1980, sua produção transita entre a escrita, a atuação, o canto e o jornalismo, sempre com a palavra poética como eixo de sua expressão.

Uma das marcas mais fortes de sua obra é a **valorização da oralidade**. Elisa populariza a poesia falada, retirando-lhe os contornos cerimoniosos e aproximando o poema do público com uma linguagem acessível e viva. Sua performance cênica dá corpo e voz aos versos, democratizando o acesso à literatura e fortalecendo o vínculo entre texto e público.

A autora também se destaca pelo **engajamento social**, com um olhar atento às questões do racismo, do feminismo e da cidadania. Sua atuação vai além da literatura: em 2008, fundou a *Casa Poema*, um espaço de formação em poesia falada voltado para mulheres, pessoas negras e

*Obra disponível em: <https://masp.org.br/busca?search=abdias+nascimento>. Acesso em: 05 de julho de 2025.



grupos socialmente minorizados — com destaque para a contratação de pessoas trans. Essa iniciativa lhe rendeu o Prêmio *Mulher Cidadã Bertha Lutz*, em reconhecimento ao seu compromisso com a transformação social por meio da arte.

Sua obra aborda com lirismo e profundidade **as experiências do cotidiano**, ressignificando as pequenas belezas da vida comum. Em títulos como *Parem de falar mal da rotina* e *Fernando Pessoa, cavaleiro do nada*, Elisa entrelaça **poesia, memória e invenção**, transitando entre o real e o ficcional com sensibilidade.

Sua arte, portanto, se define pela união entre estética e ética, poesia e performance, palavra e ação. Elisa Lucinda constrói uma trajetória artística engajada, múltipla e potente, fazendo da literatura um espaço de escuta, de representação e de diálogo com o mundo.



Alisa Lucinda - Foto: Gustavo Louzada/ Acervo Galpão IBCA

Elisa Lucinda é uma artista brasileira nascida em 2 de fevereiro de 1958, em Cariacica (ES). Poeta, atriz, escritora e cantora, iniciou sua relação com a poesia ainda na infância, influenciada pelo pai, professor de Língua Portuguesa. Formou-se em Jornalismo pela UFES e, nos anos 1980, mudou-se para o Rio de Janeiro para seguir carreira artística. Estreou na TV em 1989 e participou de novelas nas principais emissoras do país. Como escritora, publicou seu primeiro livro, *Lua que menstrua*, em 1992. Fundadora da **Casa Poema**, é reconhecida por sua atuação na valorização da poesia falada e por abordar, em sua obra, temas como identidade, racismo e questões sociais.

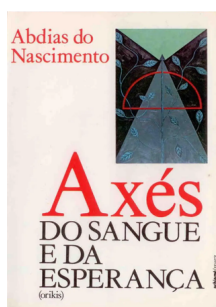
Fotografia de Elisa Lucinda disponível em: <https://festivaldevitoria.com.br/30fv/2023/09/21/elisa-lucinda-e-homenageada-no-quarto-dia-de-programacao-do-30o-festival-de-cinema-de-vitoria/>. Acesso em: 05 de Julho de 2025.

■ ■ ■ ■ ■ CÍRCULO LITERÁRIO: ENCONTRO DE VOZES NEGRAS

Nesta seção, convidamos você a entrar em contato com textos que ecoam as experiências, memórias, dores e resistências do povo negro. Serão apresentadas três obras potentes da literatura afro-brasileira: o poema *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo; *O sangue e a esperança*, de Abdias Nascimento; e a carta-poema *Carta negra ou o sol é para todos*, de Elisa Lucinda.

Esses textos nos ajudam a compreender não apenas a história de um povo, mas também a força da palavra como forma de denúncia, afirmação e transformação. Ao ler, escutar e refletir sobre essas vozes, abrimos espaço para o encontro com outras formas de sentir, pensar e existir no mundo.

Aqui, cada leitura é um convite: a olhar com mais atenção, a escutar com mais sensibilidade e a dialogar com respeito e abertura. **Vamos, juntos, formar esse círculo literário, onde a palavra negra pulsa, questiona e inspira.**



Capa do livro **Poemas da recordação e outros movimentos**. Disponível em: <https://www.editoramale.com.br/product-page/poemas-da-recorda%C3%A7%C3%A3o-e-outros-movimentos>. Acesso em: 11 de julho de 2025.

Capa do livro **Axés do sangue e da esperança**: Orikis. Disponível em: https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/001-em_constru_o_-_completo. Acesso em: 11 de julho de 2025.

Capa do livro **Vozes Guardadas**. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Vozes-Guardadas-Elisa-Lucinda/dp/8501087386>. Acesso em: 11 de julho de 2025.

Capas dos livros em que os poemas foram publicados.



Atenção à leitura!

Os textos a seguir tratam de temas importantes como racismo, identidade, ancestralidade e resistência. Por isso, **leia com atenção e respeito**. Repare nas palavras que mais chamam sua atenção, nos sentimentos que os textos despertam e nas mensagens que eles comunicam. Durante a leitura, você pode fazer anotações, destacar trechos ou marcar dúvidas. Isso vai te ajudar nas reflexões individuais e em grupos.

Texto I**“ Vozes-Mulheres**

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.*

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p.24-25.

Texto II**“ O sangue e a esperança**

*Corre corre o sangue nas veias
Rola rola o grão das areias
Só não corre só não rola a esperança
Do negro órfão que só corre e cansa
Cansa do eito corre das correntes
Corre e cansa do bote das serpentes
Só não corre só não cansa de amar
O amor da Mãe-África no além-mar*

*Além-mar das águas e da alegria
Mar-além do axé nativo que procria
Aqui é o mar-aquém do desamor frio
Aquém-mar do ódio do destino sombrio*

*Sombrio corre o sangue derramado
No mar-aquém de tanta luta devotado
Mas o sangue continua rubro a ferver
Inspirado nos Orixá que nos faz crescer*

*Crescer na esperança do aquém e do além
Do continente e da pele de alguém
Lutar é crescer no além e no aquém
Afirmando a liberdade da raça amém*

Rio de Janeiro, 14 de março de 1982

NASCIMENTO, Abdias. **Axés do sangue e da esperança**: Orikis. Rio de Janeiro: Achiamé; RioArte, 1983, p. 107.



Análise comparativa entre os poemas **Vozes-Mulheres** e **O sangue e a esperança**. Perguntas orientadoras:

1. Quais vozes são apresentadas nos dois poemas? Que experiências elas comunicam?
2. Como cada poema expressa resistência frente às injustiças sociais e raciais?
3. De que forma os versos revelam marcas da memória coletiva do povo negro?
4. Quais imagens poéticas mais te tocaram? Por quê?



Texto III

Carta negra ou o sol é para todos

A realidade grita assim:
quem dá mil vezes mais chances para os brancos que para os [pretos?
A televisão.
As empresas.
Os poderes.
Podres e não.
Quem trai até hoje os abolicionistas,
quem dissemina e aprimora a obra da escravidão?
Quem deixa o ator negro morrer sem
fazer grandes papéis?
Quem não deixa ter papa negro?
Quem, na Bahia ou no Rio de Janeiro,
barra o preto pobre no cordão?
Quem veta?
Quem despreza?
Quem mantém o branco domínio nas pequenas ações
à custa ainda de tanta opressão?
O menino preto queria ser engenheiro
mas o policial o mata primeiro.
Não tem apartheid?
Mas sabemos onde estão
cada uma destas etnias,
onde encontrá-las entre a justiça e seus pavios!

Estou cansada.
Estamos.
Pois ainda há quem
não veja nada:
o repórter do carnaval na TV
não vê que eu vi ele dizer:
“vale ressaltar a influência do negro no samba.”
Ô, meu Deus, a minha alma está bamba, alguém ainda
ignora que foi o próprio negro quem criou o samba?
É dura a capa da revista, a atriz loura é a “mulata” do
mais famoso colunista!
Queria que quem continuasse a mandar nas escolas de
samba fossem os heróis da comunidade para os quais a
avenida é tudo!

Trocando em miúdos,
depois do genocídio de índios,
seguido de quatro séculos de cruelíssima negra
escravidão provou-se o irreversível dessas primeiras
asneiras,
pois ainda com elas matamos a justiça do presente e do
futuro.

Uma danosa doideira,
com a obra das escravidões
rasga-se a bandeira brasileira.



Análise de *Carta negra ou o sol é para todos*, de Elisa Lucinda. Perguntas de reflexão:

1. A quem essa carta se dirige? Que tipo de diálogo ela propõe?
2. Quais sentimentos a carta desperta em você?
3. Como a autora usa a linguagem para confrontar o racismo de forma direta, mas poética?
4. O título faz referência a algo que deveria ser universal. O que isso nos faz pensar?

Conhecendo a literatura africana:

A produção literária de matriz africana conta com uma vasta galeria de talentos, cujas obras são essenciais para entender a riqueza e a complexidade de seus países. Conheceremos autores, como Mia Couto, Wole Soyinka, Chimamanda Adichie, Ondjak e Nadine Gordimer.

Mia Couto



Mia Couto - Foto: Bel Pedrosa/Divulgação*

Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto, nasceu em 5 de julho de 1955, em Beira (Moçambique). É escritor, poeta, biólogo e jornalista, reconhecido internacionalmente. Atuou como jornalista durante os anos pós-independência de Moçambique, mas posteriormente formou-se em Biologia e especializou-se em Ecologia. Seu primeiro livro de poesias, *Raízes de Orvalho*, foi lançado em 1983. Já em 1992, ganhou destaque com o romance *Terra Sonâmbula*, considerado um dos mais importantes da literatura africana contemporânea. Recebeu o Prêmio Camões em 2013 e, em 2020, foi eleito para a cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras, consolidando seu reconhecimento no espaço literário lusófono.

Fotografia de Mia Couto disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/somos-sobretudo-quem-ja-fomos-brdb308bhgm9ygsdxndhs89qm/>. Acesso em: 06 de julho de 2025.

Chimamanda Ngozi Adichie: a voz da mulher africana no mundo



Chimamanda Ngozi Adichie. Foto: Joel Saget/AFP*

Chimamanda Ngozi Adichie (1977-) nasceu em Enugu (Nigéria). Estudou Comunicação e Ciência Política nos Estados Unidos, com mestrado em Escrita Criativa e História Africana. Sua estreia literária ocorreu em 2003 com *Hibisco Roxo*, seguida por obras de destaque como *Meio Sol Amarelo* e *Americanah*. Chimamanda também se tornou conhecida por suas palestras, como *Todos devemos ser feministas*, que inspirou leitores em todo o mundo. Recebeu importantes prêmios literários e é considerada uma das vozes mais influentes da literatura africana contemporânea.

*Fotografia de Chimamanda Ngozi Adichie disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/chimamanda-adichie-volta-ao-brasil-para-abertura-da-bienal-do-livro-no-rio/>. Acesso em: 06 de julho de 2025.



Nadine Gordimer: uma literatura como resistência ao apartheid



Nadine Gordimer.
Foto: Antonio
Ros/Dreamstime.com

*

Nadine Gordimer foi uma escritora sul-africana (1923-2014). Filha de pai judeu lituano e mãe britânica, cresceu em uma família branca de classe média e começou a escrever ainda na infância, publicando seu primeiro conto aos 15 anos. Sua obra é marcada por um estilo direto e crítico, denunciando os impactos do *apartheid*, abordando temas como justiça, alienação, engajamento político e relações humanas em contextos de opressão. Publicou romances e contos de destaque, como *O Conservacionista* (1974), *A Filha de Burger* (1979) e *No Time Like the Present* (2012). Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1991, sendo reconhecida internacionalmente por sua atuação literária e compromisso com os direitos humanos.

*Fotografia de Nadine Gordimer disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Nadine-Gordimer>. Acesso em: 06 de julho de 2025.

Ondjaki: poesia, infância e memória em Angola



Ondjaki
Foto: Nuno Elias.*

Ondjaki, pseudônimo de Ndalu de Almeida (1977-), nasceu em Luanda, Angola. Escritor, poeta, cineasta e artista plástico, formou-se em Sociologia e especializou-se em teatro. Publicou seu primeiro livro em 2000, *Actu Sanguíneo*. Sua obra transita entre poesia, contos, romances e literatura infantojuvenil, com forte marca da oralidade e da vida angolana. Em 2006, codirigiu com Kiluanje Liberdade o documentário *Oxalá Cresçam Pitangas – histórias da Luanda*. Seu conto “*A Libélula*” também inspirou o curta-metragem *The Stone*, dirigido por Lúcia Carvalho. Com uma obra marcada pela sensibilidade, pela oralidade e pelas vivências em Luanda, Ondjaki é uma voz relevante da literatura africana contemporânea.

*Fotografia de Ondjaki disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2015/05/ondjaki.html>. Acesso em: 06 de julho de 2025.

Outros autores relevantes:

Angola: Pepetela, José Eduardo Agualusa, Viriato da Cruz e Arlindo Barbeitos;

Cabo Verde: Jorge Barbosa, Corsino Fortes e José Luís Tavares;

São Tomé e Príncipe: Manuela Margarido, Alda Espírito Santo e Francisco José Tenreiro;

Guiné-Bissau: Odete Semedo, Tony Tcheka e Abdulai Sillá;

Moçambique: Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Luís Carlos Patraquim e Rui Knopfli.



■ ■ ■ ■ ■ CÍRCULO LITERÁRIO: ECOS DO CONTINENTE AFRICANO

Nesta seção, vamos entrar em contato com três textos de autores africanos que, a partir de diferentes estilos e experiências, constroem narrativas potentes sobre **memória, identidade, afeto, opressão e resistência**.

Essas obras nos ajudam a compreender aspectos centrais da literatura **africana contemporânea**, como:

- a valorização da **oralidade e da memória coletiva**;
- a presença de personagens que vivem os efeitos do **colonialismo e do racismo**;
- a construção de **identidades plurais**, muitas vezes em conflito com modelos dominantes;
- o uso **poético da linguagem** e da mistura entre **ficção e realidade**;
- a representação da **experiência cotidiana e familiar** como espaço de crítica e resistência.

Você lerá três textos curtos. Faça uma **leitura atenta e sensível**, observando os temas abordados, os sentimentos envolvidos e o modo como cada autor constrói suas personagens e ambientes.

Texto I

A historiadora obstinada

Muitos anos depois que seu marido morreu, Nwamgba ainda fechava os olhos de vez em quando para reviver suas visitas noturnas à cabana dela e as manhãs seguintes, quando ela caminhava até o riacho cantando uma melodia, pensando no cheiro de fumo dele, na firmeza de cheios de argila fresca para que ela fizesse cerâmica. Desde o instante em que Nwamgba viu Obierika pela primeira vez numa luta, quando ambos não paravam de se olhar, quando ainda eram jovens demais, ela ainda sem o pano da menstruação, acreditou com uma teimosia mansa que seu chi e o chi dele haviam predestinado seu casamento, e, assim, quando ele veio ver seu pai alguns anos depois, levando cabaças de vinho de palma, acompanhado por seus parentes, ela disse à mãe que aquele era o homem com quem ia se casar. Sua mãe ficou horrorizada. Será que Nwamgba não sabia que Obierika era filho único, que seu falecido pai fora um filho único cujas esposas tinham abortado filhos e enterrado bebês? Talvez alguém da família houvesse violado o tabu de vender uma menina como escrava e o deus da terra, Aní, estivesse assolando-os com infortúnios. Nwamgba ignorou a mãe. Ela foi ao obi do pai e disse a ele que fugiria da casa de qualquer outro homem se não permitissem que ela se casasse com Obierika. Seu pai a achava cansativa, aquela filha obstinada de língua ferina que certa vez vencera o irmão numa luta (depois disso, o pai tinha dito que não queria que ninguém de fora da propriedade soubesse que a menina derrubara um menino). Ele também estava preocupado com a infertilidade da família de Obierika, mas não era uma má família; o falecido pai dele tinha recebido o título de ozo; e o próprio Obierika já estava cedendo suas sementes de inhame excedentes para outros fazendeiros. Não seria ruim para Nwamgba se casar com ele. Além do mais, era melhor que ele deixasse a menina ir com o homem que ela escolhera, para proteger a si mesmo dos anos de aborrecimento em que ela não pararia de voltar para a casa depois de brigar com os sogros. Assim, ele deu sua bênção, sorriu e chamou Obierika pelo seu nome de louvor.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 212-213.

GLOSSÁRIO

Chi: na cultura igbo (Nigéria), é o deus pessoal que acompanha cada pessoa, determinando seu destino e sorte na vida;

Cabaças de vinho de palma: recipientes feitos de cabaça (fruto seco) contendo bebida alcoólica extraída da seiva da palmeira. Usados em rituais de casamento na cultura africana.

Obi: casa ou sala principal onde o chefe da família recebe visitas e toma decisões importantes na tradição igbo.

Ferina: que tem características selvagens ou brutas; no texto, refere-se à língua agressiva e descontrolada da jovem.

Ozo: título de prestígio e honra concedido a homens respeitados na sociedade igbo, indicando status social elevado.



Análise de fragmento do conto *A historiadora obstinada*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Perguntas de reflexão:

1. O que o texto revela sobre a força e a autonomia da personagem Nwamgba?
2. Como o passado e as tradições familiares interferem nas escolhas da protagonista?
3. Quais aspectos da cultura igbo aparecem nesse trecho?
4. Que elementos da escrita de Chimamanda revelam a valorização da história e da ancestralidade feminina?

Texto II

“ [...] Ela era negra, ele era branco. Nada mais importava. Identidade era só isso, naquele tempo. Simples como as letras negras nesta página branca. Por causa dessas duas identidades, eles transgrediam. E conseguiram se dar bem, mais ou menos. Não eram tão visíveis, nem politicamente tão conhecidos, que valesse a pena processá-los nos termos da Lei da Imoralidade: melhor seria mantê-los em observação, segui-los, por um lado, na expectativa de que deixassem pistas que levassem a militantes de mais peso, ou pela possibilidade de que fossem recrutados para fazer relatórios referentes ao seu nível de envolvimento, fosse o de dissidentes ou o de revolucionários. Na verdade, ele era um daqueles que, quando estudante, fora abordado discretamente com indiretas sutis baseadas no patriotismo ou, talvez, na suposição igualmente natural de que os jovens precisam de dinheiro, tendo sido deixado claro que ele não deveria se preocupar, pois sua segurança pessoal estaria garantida, bem como sua situação financeira, se ele se lembrasse das coisas que eram ditas nas reuniões a que ele estava presente e desempenhava seu papel. Engolindo uma golfada de repugnância e imitando o tom da abordagem, ele recusou a oferta — sem que o homem se desse conta de que a rejeição não era apenas da oferta, mas também da pessoa que se prestava ao papel de cafetão da polícia política.

GORDIMER, Nadine. *O melhor tempo é o presente*. Tradução Paulo Henriques Britto. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 12.

GLOSSÁRIO

Dissidentes: pessoas que se opõem às ideias ou ao governo oficial, contestando o sistema político vigente;

Golfada: quantidade de líquido que se engole de uma vez; no texto, é usada em sentido figurado para expressar uma grande quantidade de repugnância sentida;

Cafetão: no texto, refere-se a alguém que faz intermediação para benefício próprio, servindo como intermediário entre a polícia política e possíveis informantes.



Análise do fragmento de *O melhor tempo é o presente*, de Nadine Gordimer.
Perguntas de reflexão:

1. Que contexto histórico aparece no texto? Como ele interfere na vida do casal?
2. A que tipo de opressão os personagens estão submetidos?
3. O que a escolha de manter a relação em segredo revela sobre o tempo vivido?
4. Como o narrador apresenta as tensões entre identidade, vigilância e resistência?

Texto III

“ Sita

estava sentado aberto a um poema
e apareceu a minha mãe.
eu apareci ao lado dela.
acho que foi com a minha mãe que aprendi a olhar
o olhar dos velhos
as mãos bonitas dos velhos
dar beijinhos nas bochechas
das pessoas que chegavam
- foi a minha mãe.
bater à máquina e apreciar
o sino
no fim da frase,
poupar a fita, recuar a fita
bater as provas dela da quarta classe
gostar do cheiro da fita

GLOSSÁRIO

Alforrecas: águas-vivas;

Pirilau: palavra informal para se referir ao órgão genital masculino;

Bungula: dança típica de Angola;

Chávina: xícara pequena para café ou chá, termo usado em Portugal e países africanos de língua portuguesa.;

Bitacaia: tipo de bicho ou parasita que entra nos pés, também conhecido como bicho-do-pé;

Comichão: coceira, sensação que provoca vontade de coçar a pele;

Tintura de iodo: medicamento usado para desinfetar feridas ou machucados.

construir textos na máquina-de-escrever
 - foi ela
 [um dia vieram as **alforrecas** picar-me o corpo todo
 incluindo o **pirilau** – dancei **bungula!**]
 a respeitar os medos dela
 e os meus
 e os barulhos
 e os sonhos
 - foi a minha mãe que me ensinou.
 a manejar a língua portuguesa
 fazer redacções bonitas
 - foi ela.
 isso da simplicidade de dentro e de fora
 ela me transmitiu
 nas bordas do dia-a-dia
 o gosto do café encontrei na **chávena** dela;
 whisky também.
 só não aprecio o modo de ela devorar
 cabeças e olhos de peixe.
 antigamente como agora
 autorizo qualquer **bitacaia**
 a tentar residência nos meus pés
 mas só quero a minha mãe
 para fazer o despejo
 [há qualquer coisa de ritual no episódio das bitacaias,
comichão e **tintura d"iodo** incluídas...]
 uma tarde quis fazer um poema
 para a minha mãe – e fiz.
 agora só preciso de uma bitacaia
 para celebrar o acontecimento.

ONDJAKI. Materiais para confecção de um espanador de tristezas. Lisboa: Caminho, 2009. p.46.



Análise do poema **Sita**, de Ondjaki. Perguntas de reflexão:

1. Que imagem da mãe o poema constrói? Quais sentimentos estão envolvidos?
2. Como o uso da linguagem simples, cotidiana e afetiva contribui para o tom do poema?
3. O que a figura da mãe ensina ao eu lírico? O que há de poético nessas aprendizagens?
4. De que forma o texto valoriza a oralidade, a memória e a tradição familiar?


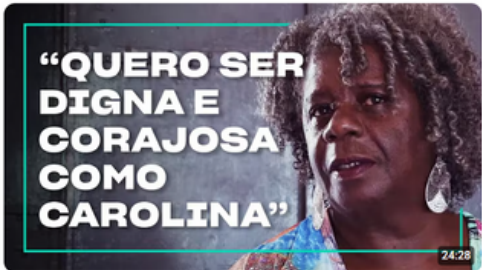
Síntese crítica das leituras realizadas

- O que os textos revelam sobre as realidades vividas em diferentes países africanos?
- Que experiências de afeto, resistência ou memória aparecem nas leituras?
- Como a literatura pode ser uma forma de denunciar injustiças e transformar o mundo?
- Em que aspectos esses textos se conectam com a nossa própria história e sociedade?
- Por que é importante conhecer e ler autores e autoras africanos na escola?



Material Extra

✓ Vídeo do programa *Espelho*, no qual Lázaro Ramos entrevista a escritora Conceição Evaristo. Para acessá-lo, leia o QR code a seguir ou clique [aqui](#).



✓ Livro Didático “**Estações de língua portuguesa**”, PNLD 2021 do Ensino Médio

Pdf do arquivo disponível em: <https://abrir.link/dwQQs>

Atividades da 4.ª Parada *O FAZER POÉTICO DE CONCEIÇÃO EVARISTO*: p. 64-65 (no pdf).



✓ Livro Didático “**Práticas de Língua Portuguesa**”, PNLD 2021 do Ensino Médio.

<https://storage.googleapis.com>

Atividades de análise de fragmento do romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis: p. 173-174 (no pdf).





Atividades

Leia o texto abaixo da autora Conceição Evaristo.

Certidão de óbito

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.

A bala não erra o alvo,
no escuro um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 16.

ATIVIDADE 1

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A linguagem utilizada nesse texto é

- A) marcadamente técnica, como se percebe na menção à *"certidão de óbito"* no título.
- B) informativa, como se observa na referência aos *"negros dos navios negreiros"*, que apresenta fatos históricos.
- C) poética e simbólica, com o uso de imagens que resgatam a memória e a dor da população negra.
- D) jornalística, como fica evidente na frase *"a bala não erra o alvo"*, que trata da violência cotidiana de modo factual.
- E) impessoal e descritiva, como demonstrado na enumeração de elementos como *"ossos"*, *"olhos"* e *"valas"*, que indicam um inventário objetivo da morte.

Leia o fragmento da obra *"Quarto de despejo: diário de uma favelada"*, de Carolina Maria de Jesus.

1 **13 DE MAIO** Hoje amanheceu chovendo. E um dia simpático para mim. E o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

5 ...Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

10 ...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

— Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o habito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mande-i-lhe um bilhete assim:

15 — "Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina."

20 ... Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014. p.27. (Fragmento)

ATIVIDADE 2

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A linguagem utilizada nesse texto é

- A) autobiográfica e subjetiva, com marcas de oralidade e presença explícita da autora, evidenciando sua vivência pessoal na favela.
- B) documental e impessoal, semelhante a certidões e registros públicos, como indicado no título da obra, "Quarto de Despejo", e no modo como a autora relata os dias.
- C) didática e formal, voltada ao ensino de fatos históricos, com o propósito de ensinar ao leitor a respeito da abolição da escravatura.
- D) jornalística e objetiva, com foco em relatar acontecimentos sociais de forma neutra e informativa, como a comemoração do 13 de maio.
- E) formal e impessoal, marcada por construções gramaticais e vocabulário técnico, como se vê na descrição das condições climáticas e da alimentação.



Leia o fragmento abaixo da obra de Abdias do Nascimento.

IV - O Mito do “Africano Livre”

1 Depois de sete anos de trabalho, o velho, o doente, o aleijado e o mutilado — aqueles que sobreviveram aos horrores da escravidão e já não conseguiam manter uma capacidade produtiva satisfatória — eram lançados à rua, à própria sorte, como lixo humano indesejável. Esses eram chamados de “africanos livres”. A liberdade, nessas condições, não passava de uma forma legalizada de
5 assassinato coletivo.

As classes dirigentes e as autoridades públicas praticavam a libertação dos escravizados idosos, inválidos e enfermos incuráveis sem lhes conceder qualquer recurso, apoio ou meio de subsistência. Em 1888, repetiu-se esse mesmo ato “libertador”, que a História do Brasil registra com o nome de Abolição ou de Lei Áurea — algo que não passou de um assassinato em massa, ou seja, a repetição, em escala
10 ainda mais ampla, do crime cometido contra os chamados africanos livres.

Ao lançar os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, a abolição exonerou de responsabilidades os senhores, o Estado e a Igreja. Tudo cessou. Extinguiu-se qualquer vestígio de humanismo, de solidariedade ou de justiça social: caberia ao africano e aos seus descendentes sobreviver como pudessem. (...)

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1978. p. 65. (Fragmento)

ATIVIDADE 3

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A linguagem utilizada nesse texto é

- A) arcaica e objetiva, centrada na estética das palavras, com uso predominante de figuras de linguagem.
- B) objetiva e neutra, sem marcas de julgamento, buscando apenas relatar os fatos históricos com imparcialidade.
- C) formal e com juízo de valor, utilizada para denunciar injustiças históricas e refletir sobre as consequências sociais da abolição.
- D) informal e subjetiva, próxima da oralidade, marcada por construções simples e coloquiais típicas de um diálogo.
- E) técnica e objetiva, voltada para o ensino, apresentando explicações básicas dos fatos históricos.



Leia o texto abaixo da autora Elisa Lucinda.

A Esse Papo Indo-lente

Quando me perguntam depois de
"Ó que lindos olhos" ...
Esses olhos são seus?"
Me sinto como se perguntassem
se o sol é rei mesmo
ou uma espécie de lâmpada de mil.
Me sinto constrangida como se tivesse
sido possível a alguém alguma vez
confundir lata de goiabada com fruta de pé.
Me sinto velha virada há milênios
Aniversariada por várias civilizações
e nada esqueci.
Me sinto madura madeira escaldada
pra lá destas idades do agora.
Sou dos longínquos tempos de goiabeiras
mangueiras, formigas cabeçudas
tanajuras de umidade, baratas cascudas
e canaviais nos quintais.

Sou ainda mais
na magia do que havia nesses anais,
sou do tempo em que era bom
nascer com olhos de esmeralda
e a artista a ser cumprimentada
era a mãe-natureza
pela proeza de olhos ser olhos
e lente ser lente.
Sou do tempo em que eu era
toda realeza
e com certeza não se compravam olhos
em shoppings, meus deus.
Sou do tempo em que meus olhos
Só podiam ser meus.

ESCRITAS.ORG. **Poesias de Elisa Lucinda.** Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/elisa-lucinda>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ATIVIDADE 4

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A linguagem utilizada nesse texto é

- A) objetiva e informativa, voltada à exposição de fatos e acontecimentos reais.
- B) arcaica, com palavras e expressões em desuso.
- C) coloquial, com uso de gírias e construções típicas da fala cotidiana e espontânea.
- D) técnica e formal, com vocabulário preciso e impessoal.
- E) subjetiva e metafórica, voltada à expressão sensível e artística da autora.



Leia o fragmento abaixo da obra de Chimamanda Adichie.

1 Anos depois, pensei nisso quando saí da Nigéria para fazer faculdade nos Estados Unidos. Eu tinha dezenove anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando respondi que a língua oficial da Nigéria era o inglês. Também perguntou se podia ouvir o
5 que chamou de minha “música tribal”, e ficou muito decepcionada quando mostrei minha fita da Mariah Carey. Ela também presumiu que eu não sabia como usar um fogão. O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da
10 África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (...)

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 9. (Fragmento)

ATIVIDADE 5**D023_P Inferir uma informação implícita em um texto.****Entende-se desse texto que**

- A) a colega de quarto de Chimamanda conhecia profundamente a cultura africana e buscava compreendê-la com respeito.
- B) Chimamanda se sentiu grata pela forma como foi recebida nos Estados Unidos, pois sentiu-se acolhida.
- C) a cultura nigeriana é naturalmente semelhante à cultura norte-americana, o que evita qualquer tipo de conflito ou estranhamento.
- D) os africanos têm hábitos e costumes idênticos aos de países europeus e, por isso, não enfrentam preconceitos culturais.
- E) a colega de quarto de Chimamanda demonstrou uma visão estereotipada sobre a África, o que revela preconceitos construídos por uma narrativa única.



Referências

Material Estruturado:

ABDIAS Nascimento. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/22552-abdias-nascimento>. Acesso em: 05 de julho de 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

CONCEIÇÃO Evaristo. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/1667-conceicao-evaristo>. Acesso em: 05 de julho de 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, julho/dezembro 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 04 de nov. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Abdias do Nascimento - caminhos e trajetórias**. Templo Cultural Delfos, junho/2015. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2015/06/abdias-do-nascimento.html>. Acesso em 05 de julho de 2025.

FONSECA, Alice Maria Araújo da. **Diário de Bitita de Carolina Maria de Jesus: uma interpretação a partir do conceito de escrevivência**. 2021. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

SILVA, Andréia Lima. **A poesia de Elisa Lucinda na sala de aula: diálogos com a educação para as relações étnico-raciais**. 1. ed. - Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2024.

Conjunto de Questões

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

ESCRITAS.ORG. **Poesias de Elisa Lucinda**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/elisa-lucinda>. Acesso em: 28 jun. 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1978. (Fragmento).

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014. (fragmento)

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhias das Letras, 2019.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PORTUGUÊS. **Cinco poemas de Mia Couto**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/cinco-poemas-mia-couto.html>. Acesso em: 29 jun. 2025.

